

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Ciências do Zika”
Episódio #3: A pontinha da pontinha do iceberg

Transcrição do episódio: Mariana Petruceli
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer

Legendas

Blocos

Efeitos sonoros

Abertura

[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

Irene: Ciências do Zika, uma série do podcast Mundaréu. Aqui a gente conversa sobre a epidemia do vírus Zika a partir de um ouvido antropológico, e escutamos as cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Esse é o terceiro episódio, “A pontinha da pontinha do Iceberg”.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz
Não me perder no vento da emoção do aprendiz
É chegado o tempo de ampliar a ciência
Sobre o que é ser feliz
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*

Irene: Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Laura Coutinho, estudante de graduação em Antropologia na Universidade de Brasília. A Laura tá pesquisando o entrelaçamento entre pesquisa e assistência, nesse contexto de epidemia do Zika Vírus.

Laura: Ai, adorei essa introdução toda chique.

Irene: Sua fofa! Você quer se apresentar um pouco mais pra gente?

Laura: Então, como você disse, meu nome é Laura Coutinho, e eu tô quase finalizando a graduação em antropologia aqui na UnB. Eu sou uma mulher cis, me considero branca, tenho cabelos castanhos, olhos castanhos, sou de classe média também e tenho 22 anos. Bom, eu comecei a pesquisar sobre Zika quando eu entrei no grupo de pesquisa e isso foi mais ou menos na metade do ano passado, então em breve vai fazer um ano que estou nessa jornada.

Irene: Nossa que legal! E por que você decidiu trabalhar com essa interação entre pesquisa e assistência?

Laura: Acho que pra te falar sobre isso, é melhor a gente escutar um trequinho de uma entrevista com a Durce Carvalho, que ela é uma neuropediatra que trabalhou diretamente com a epidemia do Zika Vírus em Recife e ela foi entrevistada pela Soraya e pela Isadora em setembro de 2022.

Irene: A Soraya Fleischer e a Isadora Valle, elas estarão com a gente nos próximos episódios dessa temporada. E Como tantas entrevistas que elas fizeram, essa também foi feita dentro de um consultório, num dia movimentado e barulhento do hospital.

Laura: É interessante que a Durce tanto atendia as crianças que tavam apresentando microcefalia, como também fez parte de pesquisas sobre a Síndrome Congênita do Zika Vírus. Posso dar o play?

[Sonoplastia, efeito sonoro de play]

BLOCO 1 - As ciências do Zika nasceram na clínica

Durce Carvalho: “Durce, eu vou precisar de avaliação dessas crianças, aí você consegue ir lá no ambulatório, enfim?”, aí eu: “tá, quantas são?”, “Eu acho que teve umas 20 crianças, porque já tem quase isso que me falaram”, aí eu “Tá bom”. Aí quando a gente viu que o negócio era muito maior, que aquilo ali era **a pontinha da pontinha do iceberg**, né? Começaram a se mobilizar, a gente começou a ver que era uma coisa nova e começou a atender e a investigar, de forma ainda meio não planejada, nem muito organizada e a Secretaria [Municipal] de Saúde já foi acionada, enfim. Aí começaram os primeiros relatos, as primeiras pesquisas, e aí já começou a suspeita do envolvimento com a Zika, enfim.

Laura: Então Ire, assim como a Durce, muitos profissionais da saúde também atuaram na epidemia de Zika como pesquisadores. Ao mesmo tempo em que atendiam essas crianças na clínica, eles se propuseram a estudar a síndrome delas. Você lembra da Mariana Leal, que apareceu no primeiro episódio, se não me engano?

Irene: Eu até tava pensando nisso, essa história da Durce parece muito com a da Mariana, né? Eu lembro que ela, a Mariana, né? Também tava trabalhando normalmente como médica otorrino e começou a ser chamada pra ver os casos das crianças e pra fazer avaliação auditiva delas, né?

Laura: Sim, exatamente, e uma coisa que eu queria frisar aqui é que não foi uma coincidência. Por um lado, o nascimento de muitas crianças com microcefalia começou a aparecer no final do ano de 2015.

Irene: Aham...

Laura: E, por outro, os primeiros profissionais que tiveram a percepção de que tinha alguma coisa errada foram justamente aqueles que tinham atendido as mães que tinham sido infectadas pelo vírus quando elas estavam grávidas, né? Ou estavam atendendo as crianças recém-nascidas que estavam apresentando algumas alterações, sendo que, dessas alterações, a que mais tinha chamado atenção, era a microcefalia. Por isso, teve esse movimento das ciências do Zika se iniciarem nos serviços. Como foram os casos da Mariana e da Durce, né?

Irene: E aí pelo que a Durce falou, né? Parece que essa curiosidade, ou até um espanto, porque eu imagino que tenha sido muito tenso assim, você começar a ver isso tudo acontecendo dentro do consultório, na emergência que você trabalha, enfim. Mas parece que foi isso que instigou o início das pesquisas, né?

Laura: Sim, as pesquisas começaram ali na prática, né. Essa “pontinha da pontinha do Iceberg”, que a Durce comenta, foi o pontapé pra começarem as pesquisas, que a gente tanto tem falado aqui, né? E isso é muito importante, porque a partir de então, essas duas “categorias”, vamos chamar assim, não se desgrudaram, meio que a **assistência a estas crianças** e a **pesquisa sobre estas crianças** se misturaram e caminharam juntas. E isso, de certa forma, balançou e caracterizou as ciências pernambucanas, sabe? Apesar de ser uma prática relativamente comum, ela foi muito presente nesse contexto do Zika. E aí, é... isso trouxe, também, coisas positivas e coisas negativas, né?

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]

BLOCO 2 - Os prós e os contras do encontro assistência-pesquisa

Irene: Aposto que você quer trazer outros depoimentos, né?

Laura: Quero, alguns, Ire!

Irene: Pode dar o play aí, então!

[Sonoplastia, efeito sonoro de play]

Alex Rolland: É interessante você ter a assistência junto com a pesquisa, mas aí tem dois aspectos, tem os prós e os contras, né? É interessante porque você na assistência vai gerar perguntas e pesquisas que tenham a ver com aquilo que você está trabalhando, né? Com aquela região, com aquele local, né? Então isso ajuda. O problema é a questão do tempo, né? O contra é, você estando trabalhando nos dois aí acaba você não tendo muito tempo para se dedicar à pesquisa.

Laura: Então, Ire, esse é o Alex Rolland, ele é ginecologista e obstetra, e ele trabalha em um dos grandes hospitais do Recife que fez atendimentos e pesquisa com crianças com a SCZV. O Alex foi entrevistado pela Thais Valim e pela Mariana Petruceli, em maio de 2022. Eu escolhi esse áudio dele, primeiro, porque ele... ele faz esse exercício que a gente tá fazendo agora, de pensar os prós e contras, né? Da relação entre pesquisa e assistência, e ele fala uma coisa muito interessante, e que tem sido muito recorrente nas entrevistas, que me parece ser uma das principais vantagens dessa relação, que é o fato de você ter as duas coisas andando juntas, você consegue ter uma noção bem mais concreta dos problemas de saúde que precisam ser pesquisados, né? E você tem a chance de aplicar os resultados da pesquisa ali mesmo na clínica, com os pacientes.

Irene: Você, atuando nessas duas áreas, sabe quais perguntas de pesquisa fazer então, né?

Laura: Isso, e também consegue ver na prática as respostas daquelas perguntas que você tá fazendo.

Irene: Então, Laura, esse seria o primeiro pró, o primeiro ponto positivo?

Laura: Sim. E pensando no primeiro contra, em contraponto, eu diria que essa questão do tempo também tem aparecido frequentemente. Eu percebi que muitas pessoas consideram a falta de tempo um contra muito significativo nesse contexto. Até mesmo porque, esses cientistas e esses clínicos, estão fazendo duas atividades ao mesmo tempo, sendo que muitas vezes, ainda é acrescentada uma carga de ensino, porque muitos ou estão em etapas de formação, como por exemplo mestrado, doutorado ou até mesmo na graduação... e tem alguns que são vinculados em cargos de professores, né? Orientadores, enfim... ao mesmo tempo em que pesquisam e atendem. Então é uma rotina muito puxada. Para você ter uma ideia, a Durce era médica, era pesquisadora e também tava fazendo doutorado.

Irene: Nossa, realmente, parece uma rotina muito cansativa.

Laura: E além disso ela ainda era mãe e esposa e tudo o mais.

Irene: Imagino que seja muito exaustivo né?

Laura: Exato, e eu acho que exaustão é uma palavra muito frequente nesse cenário, até mesmo porque pelo que eu tenho visto, e isso eu diria que é uma segunda desvantagem até, essa mistura entre serviço e ciência que tem cansado muito as mães e as crianças também. Então, eu vou passar um trequinho de uma fala da Margarida Antunes, que ela é uma gastropediatra que também foi entrevistada pela Mariana Petruceli e pela Thais Valim, em 2022, que eu acho que vai ajudar a gente a ver isso um pouco melhor.

Margarida Antunes: A criança saía de um lugar, pra colher sangue, ia pro outro, tirava sangue de novo, fazia um teste que botava colírio no olhinho, né? Ia pra outro lugar... Então, a gente meio que cansou um pouco, de ver isso, né? E eu acho que muitos pacientes não vão mais pros serviços, até deixam ser assistidos, inclusive, é uma reflexão, porque eles não querem ser sujeito a pesquisa, então eles deixam de ser acompanhados pra não estar participando da pesquisa.

Irene: Então, houve, de certa forma, uma evasão dessas mães e dessas crianças, da pesquisa e do serviço?

Laura: Em alguns casos, sim. Muitas pesquisas foram feitas - principalmente no momento inicial do *boom* do Zika, né? - e muitas vezes, essas pesquisas não tinham resultados iminentes, ou então esses resultados não chegavam às famílias. Inclusive, esse, eu diria ser um terceiro contra, né? Porque acabava que isso rompia com a expectativa do que a pesquisa poderia trazer como benefício, e como isso tava inserido no contexto da assistência, essa quebra de expectativa gerava uma insegurança e uma frustração.

Irene: Aham...

Laura: E aí, a partir disso, eu penso em um quarto inconveniente também que é a falta de continuidade de assistência depois que algumas pesquisas terminaram. Claro que não são todas, mas algumas das investigações que eram feitas, dentro do serviço até, se ocuparam em encontrar as causas, às vezes também iniciaram um cuidado, né? Que, por diversos motivos, não continuaram ao longo do desenvolvimento das crianças.

Irene: E, Laura, você poderia dar um exemplo de um motivo pra essa interrupção?

Laura: Ah, assim, muitas vezes o financiamento acabava, e aí os profissionais tinham que parar com as pesquisas. E em parte, o financiamento das pesquisas subsidiaram alguns atendimentos, alguns ambulatorios, algumas clínicas e alguns serviços também.

Irene: Ah, entendi.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

Laura: Mas apesar disso, essa relação entre pesquisa e assistência também tem mais algumas vantagens, né? Eu só falei uma, mas tem outras.

Irene: Tipo quais?

Laura: Assim, vamos escutar um trequinho da entrevista da Geórgia de Paula, que foi conduzida em maio de 2022, pela Thais e pela Mariana. No primeiro episódio da série, ela também tava dialogando com a gente, não sei se você lembra...

Irene: Eu lembro sim.

Laura: Então, e assim como Margarida, ela também é gastropediatra. Ela atendeu muita criança com os efeitos do vírus Zika e, na época, tava fazendo o mestrado dela:

Georgia de Paula: Eu já peguei uma fase da pesquisa, na verdade, com elas que elas já estavam começando a se abusar de serem pesquisadas, sabe? Eu peguei no começo quando as pesquisas surgiram, né? As mães gostavam e inclusive assim, de fato, foi uma forma de elas terem acesso a

muitos serviços que elas não teriam facilmente, né? Você vê não só os que eles diretamente precisavam como fono, fisio, toda reabilitação, mas principalmente, também outras, assim, um otorrino que não é uma coisa fácil de marcar.

Irene: Ué, então ao mesmo tempo em que essa relação entre a pesquisa e a assistência cansou as mães e as crianças, e de certa forma afastou algumas né? Desses dois eixos, essa relação, ela... também dava oportunidade de acesso aos serviços de saúde, né?

Laura: Exatamente. E essa é outra grande vantagem que foi muito comentada durante as entrevistas, porque muitos profissionais contaram que por estarem fazendo essas pesquisas clínicas, né? Essas pessoas tinham acesso a uma quantidade de especialidades que elas não conseguiriam, ou que teriam muita dificuldade pra conseguir diretamente ficando na fila do SUS. Então, elas tinham um acesso facilitado, e muitas vezes, elas tinham também, acesso a vários profissionais de uma vez só, né? Como eram os casos dos mutirões, por exemplo, que eram dias específicos que vários profissionais diferentes se juntavam em um só lugar pra atender as crianças e normalmente, eles coletavam alguns dados para pesquisa. Mas enfim, tinha uma certa multidisciplinaridade no atendimento delas, né? O que também é visto como muito positivo pelas famílias e pelos pesquisadores também. Afinal, é uma criança com muitas deficiências, precisa do olhar de muitos tipos de profissionais de saúde.

Irene: E essa seria, então, a segunda vantagem, né Laura?

Laura: Seria a segunda e a terceira, no caso. Que seria a facilidade de acesso, a segunda, e a multidisciplinaridade do atendimento, a terceira.

Irene: Ah, sim. Que outras vantagens a ciência levou pras famílias, Laura?

Laura: Ah, além de ser mais fácil, tinha também a questão da frequência dos atendimentos, porque as consultas, quando elas eram associadas a pesquisa, aconteciam com uma constância muito maior, muitas vezes as crianças voltavam de 15 em 15 dias, toda semana, variava, né? Com o tipo pesquisa, mas eram de fato consultas mais periódicas do que em um “atendimento convencional”, vamos chamar assim, que aconteceria, sei lá, uma vez por semestre, por exemplo. E, por último, acho que uma quarta vantagem é a questão da estrutura, porque, muitas vezes, pras pesquisas clínicas, os cientistas tinham que fazer ambulatorios, e isso foi muito comum durante a epidemia do Zika, sabe? Muitos profissionais criaram ambulatorios pra fazer as consultas, as coletas pra pesquisa, né, e isso acaba produzindo uma...

Irene: Uma infraestrutura, né?

Laura: Isso.

Irene: Então, é como se a pesquisa, nesse contexto, ajudasse a estruturar uma rede de assistência?

Laura: É exatamente isso. Acaba que essa dinâmica influenciou muito e mutuamente esses dois eixos, né? E eu acredito que realmente teve um impacto considerável na forma como as ciências pernambucanas foram sendo construídas naquela época, né? A partir da epidemia do Zika. A

“descoberta” do vírus lá dentro da clínica desencadeou uma relação muito interessante entre a pesquisa e a assistência na epidemia.

Irene: Essas primeiras descobertas foram aquela pontinha da pontinha do iceberg que a Durce falou, né? E depois muito mais foi sendo entendido...

Laura: Sim. A ciência e o serviço, eles se entrelaçaram, eles caminharam lado a lado, e pessoas como a Durce, o Alex, a Georgia e a Margarida, eles atuaram e ganharam prestígio profissional a partir de ambos. E dá para gente pensar que a ciência no Brasil não conseguiria acontecer se não fosse o serviço de saúde, se não fosse o SUS, né? Ao mesmo tempo em que a pesquisa se torna uma peça-chave pro desenvolvimento de técnicas, de protocolos e de estruturas para o atendimento. E nesse caminho, nessa construção, desconstrução e reconstrução mútua, uma parte da ciência recifense se construiu como uma ciência-assistente, e uma parte do atendimento se estabeleceu como uma assistência-científica.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

Irene: Que bonito isso, Laura!

FECHAMENTO

Irene: Laura, antes da gente encerrar o episódio, queria pedir para você lembrar quais são os prós e os contras disso que você chama de pesquisa-assistência.

Laura: Claro! Vou começar pelas desvantagens: eu diria que a primeira é a alta carga de atividades a serem feitas, o que gerou exaustão dos profissionais de saúde; a segunda, a exaustão das mães e das crianças, que conseqüentemente levou a um afastamento tanto da pesquisa, quanto do serviço; a terceira desvantagem é uma falta de devolutiva ou respostas, que gerou uma quebra de expectativa. E a quarta, a falta de continuidade do atendimento, depois que algumas pesquisas foram finalizadas.

Irene: E os prós...

Laura: Primeiro, essa integração entre pesquisa e clínica trouxe benefícios para a identificação e resolução de problemas de saúde; segundo, o acesso facilitado a especialidades que muitas vezes são difíceis de conseguir diretamente pelo SUS; terceiro, a multidisciplinaridade do atendimento às crianças; e por fim, a quarta vantagem foi a criação de uma infraestrutura para atendimentos e até para próximas pesquisas.

Irene: Entendi, Laura, muito obrigada por ter participado desse episódio, foi um prazer conversar contigo. Eu tô amando fazer essa série, acho que tô aprendendo tanto. Porque, até agora, com os três episódios da série, eu acho que tenho descoberto e redescoberto **formas de se fazer ciência**.

Laura: É, a gente na Antropologia, dá muita ênfase ao **fazer ciência** e aos corpos **que fazem ciência e os corpos sobre os quais as ciências** são feitas.

Irene: E estou conhecendo um pouco mais também sobre Pernambuco, sobre Recife, sobre crianças com deficiência, com pessoas, em sua maioria, de baixa renda, pessoas negras, né? E isso tem me tocado muito, não só intelectualmente, mas também de forma humana, conhecendo os cientistas e profissionais por trás dos cuidados, por trás dos estudos, enfim.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]

Laura: Ta sendo ótimo, Ire! Eu sinto que também estou aprendendo muito com a série, sabe? Enquanto a gente tá fazendo pesquisa, a gente acaba se concentrando muito no nosso tema e a série tem me possibilitado entender também o que as outras pesquisadoras da nossa equipe estão pensando. **Fora tudo isso que você comentou, de forma, assim, muito bonita por sinal!**

Irene: Obrigada, querida.

Laura: Eu que agradeço!

Irene: Eu quero agradecer também à Durce Carvalho, ao Alex Rolland e à Margarida Antunes e Geórgia de Paula por nos contarem as suas histórias. Os currículos dessas pesquisadoras podem ser encontrados na página do Mundaréu: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>. Nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e a música que embala a série é “Suporto Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro, do Igor de Carvalho, e também com a voz do Chico César. Você pode ver todo o expediente de produção na descrição do episódio.

O Mundaréu faz parte da Rádio Kere-Kere, um coletivo de podcasts de Antropologia. Se quiser ouvir outro podcast da Rádio, hoje deixo a dica do “**Antro, como faz?**”, da Ana Clara Damásio, antropóloga e doutoranda aqui do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Nessa temporada, ela está falando de metodologia de pesquisa: desde os diários [de campo], o tempo do campo e até aquilo que não deu certo no trabalho de campo. Você pode encontrar o “Antro, como faz?” em: <https://radiokerekere.wordpress.com/>.

É isso, nos ouvimos no próximo episódio do, “Ciências do Zika”.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

É chegado o tempo da inocência partir

Vida pede cimento, vou fincar minha raiz

Não me perder no vento da emoção do aprendiz

É chegado o tempo de ampliar a ciência

Sobre o que é ser feliz

(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)